

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Nair Castro Soares
Margarida Miranda
Carlota Miranda Urbano
(Coord.)

HOMO ELOQVENS HOMO POLITICVS

A RETÓRICA E A CONSTRUÇÃO DA
CIDADE NA IDADE MÉDIA
E NO RENASCIMENTO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

NA CORRESPONDÊNCIA DE ÊRASMO: O
HUMANISTA, AS LETRAS E A CIDADE

Jorge A. Osório

Numa longa carta escrita no primeiro dia de fevereiro de 1523 a João Marco Laurino, deão do Colégio de S. Donaciano, em Bruges, Desidério Erasmo de Roterdão, aludindo ao convite do senado de Zurique para que aceitasse o direito de cidade que lhe era oferecido, respondia que *preferia ser cidadão do mundo inteiro a sê-lo de uma única cidade* (V, ep. 1342) [As cartas citadas serão referenciadas pelos volumes e pela numeração da edição de P. S. Allen e H. W. Garrod do *Opus Epistolarum Desiderii Erasmi Roterodami*, 1906-1947]. Não era a primeira vez que expressava essa sua visão da condição universal ou católica do homem cristão, em quem revia a sua própria pessoa; dez anos antes exprimira esse mesmo ponto de vista e haveria de o retomar depois mais do que uma vez; por exemplo em maio de 1529, reportando-se a um dos *Adágios*, escrevia que *a pátria é o lugar onde se está bem*, do ponto de vista cristão, claro (VIII, ep. 2158), ideia reforçada em carta do mesmo ano (VIII, ep. 2196), glosada em 1531 na forma *onde o meu pobre corpo for enterrado não tem grande importância* (IX, ep. 2419, jan. 1531).

Ao terminar a carta que, em julho de 1529, envia a Johann Choler, escrevia o seguinte:

“Sempre me deixei encantar pelos grandes edifícios e as grandes cidades; e apesar de raras vezes pôr o pé fora do meu

quarto, sinto prazer em viver nas cidades muito populosas. Trata-se de um sentimento instintivo, que não deixa de ter alguma razão. Nessas cidades há menos traços visíveis do campo e as coisas boas estão aí mais disponíveis e em maior abundância. Enfim, é mais fácil encontrar amigos honestos numa grande multidão de homens do que num pequeno número” (VIII, ep. 2195).

Podemos dizer que nestes dois parágrafos se encontram os elementos essenciais do tema que nos propomos focar nestas linhas. Elementos que sinalizam, até pela frequência com que são convocados, a psicologia e a vida do próprio humanista. Para os completar falta só dizer que, a articulá-los, há que considerar o gosto, se não mesmo a necessidade quase impulsiva, de viajar, ou melhor, de mudar de poiso. Não será certamente despropositado falar mesmo da presença de uma ansiedade, de uma inconstância e às vezes até de uma inquietação, que, no entanto, não aparece vivida na forma de um drama interior do género espiritual, conducente a uma experiência ascética que, por exemplo, implicasse a mortificação corporal.

Aquele factor que, desde muito cedo, condiciona e orienta assumidamente a vida de Erasmo pode sintetizar-se na dedicação, que se tornará obsessiva, ao estudo das letras, naquilo que o termo significava no seu tempo, nesse amplo campo semântico que ia desde o estudo concreto das línguas antigas, sobretudo, claro, o latim, e dos textos nelas escritos e conservados, até às tarefas de os fazer publicar através da imprensa e às consequências científicas, filológicas, doutrinárias,

filosóficas, morais, políticas, religiosas que desse estudo e desse conhecimento decorriam. Por causa delas, Erasmo atravessa este vasto terreno, não só no sentido metafórico, mas também em sentido próprio: até à idade dos cinquenta anos foi um incansável viajante, que percorreu os principais centros da Europa culta, ou seja o que já se caracterizou como a Europa do Humanismo. A questão da cidade insere-se nesta perspectiva.

Mais do que em qualquer outra zona da sua extensíssima produção escrita, é na enorme correspondência epistolar que podemos colher os dados pertinentes para o assunto em causa. E podemos fazê-lo tendo presente o que escrevia Eça de Queirós na apresentação da *Correspondência de Fradique Mendes*, a propósito da utilidade de uma correspondência epistolar: a respeito do seu autor, ela permite revelar

“com mais saliência a sua «personalidade» – o conjunto de ideias, de gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem.”

Ora não será fácil separar este *palpar o homem* do tema presente: Erasmo e a cidade.

Como certamente evidenciarão os testemunhos de seguida utilizados, a *cidade* é o local natural para a vida de Erasmo. No seu pensamento – e era um autor que não pensava de forma sistemática, mas por temas que foram sendo retomados e glosados ao longo dos anos (Margolin, 1973) –, a *cidade* não é perspectivada na antinomia com o *campo*, tão do gosto de muita literatura ficcional,

lítica ou mesmo moralizante do tempo, mas quase como equivalente, no plano da utopia, à comunidade dos cristãos, à *ecclesia*. Para tal, há que convocar alguns momentos em que Erasmo se pronuncia sobre essa outra comunidade cristã que é o *mosteiro*.

Na já referida carta escrita de Lovaina a Martinho Dorp em 1518, que antecede, como dedicatória, a edição desse ano do *Manual do cavaleiro cristão*, encontra-se um passo que merece alguma atenção. Já na parte final, evocando o contraste, nele tão corrente, entre a religiosidade dos seus contemporâneos e aquela que, bastante utopicamente, considerava ter sido a dos primitivos cristãos, que ele via sobretudo através dos textos da Patrística grega, observa o seguinte:

“Tais foram os primórdios do monaquismo, tais os patriarcas, enquanto agora chamamos monges àqueles que se intrometem mesmo no seio dos assuntos mundanos;”

e colocava a pergunta retórica: “porque é que reduzimos de maneira tão evidente [por culpa dos frades, claro] a profissão de Cristo, que Ele quis fosse a mais alargada possível?” É que, perguntava a Dorp, “se queremos ser sensíveis a expressões de maior impacto, que outra coisa não é a cidade senão um grande mosteiro?” (Holborn, 1964). A *cidade* – entenda-se, a cidade numa perspectiva cristã – devia ser, em boa verdade, como que um *mosteiro*, ou seja uma *igreja* (*ecclesia*) ou comunidade de pessoas vivendo segundo os preceitos evangélicos.

A similitude não era nova em Erasmo. Quatro anos antes, numa carta ao seu antigo companheiro de juventude na comunidade agostiniana de Steyn, Servais Rogério (I, ep. 206, jul. 1514), usa-a com o mesmo objectivo:

“Como é muito mais conforme ao pensamento de Cristo ver o conjunto do universo cristão como uma única casa e quase como um só mosteiro onde todos seriam cónegos e freires de uma mesma ordem;”

para tal bastaria colocar a essência da religião no sacramento do baptismo e não se preocupar com o lugar onde se vive, mas antes com o facto de viver bem.

Erasmo começara a sua vida nessa comunidade da regra de Sto. Agostinho; algumas das primeiras cartas conservadas – que, no entanto, não tomou a iniciativa de publicar – oferecem-nos a imagem de um jovem entusiasmado com o estudo das letras, concentrado em treinar-se no latim por meio de ensaios em verso e em prosa e em conhecer o maior número possível de autores clássicos. Não repugna aceitar que essa correspondência, particularmente a trocada com Cornélio Gerardo e Servais Rogério, legitima a opinião de que Erasmo possuía “um temperamento delicado e ardente, faminto de ternura, muito pouco feito para a vida do claustro” (Halkin, 1969); na verdade o sentimento da amizade, no sentido de cimentador de uma solidariedade que, globalmente, sempre haveria de idealizar em termos de convivência cristã, constituiu para ele um elemento

central, não só em termos psicológicos, mas também como fundamento da ideia de que o cristão deve ser animado pela disponibilidade de aceitar um qualquer lugar para a sua vida terrena, porque isso não constituía factor determinante da espiritualidade. Era um jovem de vinte anos quando numa carta, talvez de 1488, se insurgia contra a *calma* e a *indolência* desse companheiro e amigo Servais Rogério, que optara por ficar no convento em vez de aspirar à busca do estudo promissor das letras; justificando-se, Erasmo evocava o exemplo dos

“homens mais ilustres de outrora que não hesitaram, para adquirir as letras, em trocar a sua doce pátria por um exílio triste, em visitar terras estrangeiras queimadas pelo sol, em suportar os inúmeros perigos do mar tempestuoso, enfim em suportar todo o género de sofrimentos e de despesas” (I, ep. 15).

Como é que poderia ele aceitar ficar confinado às paredes de um convento, quando a sua grande paixão eram o estudo, os livros, as bibliotecas? Isto no tempo em que a sua própria pátria, a Holanda, vivia à margem dessa modernidade do saber, faltando-lhe os livros e aquele *ligeiro sopro de melhor literatura* que Rudolfo Agrícola – que recorda ainda ter visto aos doze anos – trouxera de Itália, conforme escreveria em 1523, no *Catálogo*?

O mosteiro, a cidade e as letras: a trilogia que condiciona Erasmo ao longo da vida e que se reflecte na correspondência. Na perspectiva do universalismo

cristão, não se trata de uma oposição entre o *mosteiro* e a *cidade*; a recusa da vida conventual não significa a opção pelo modo de vida citadino, no sentido de mundano; como veremos, algumas das páginas mais impressionantes pelo concretismo descritivo dizem precisamente respeito a cidades. Aliás não fala do convento em termos tão concretos como fala da cidade.

Fala do frade, mas distingue, como é bem sabido, entre o ideal e a realidade observável ou, pelo menos, vulgarizada. É significativo o que escreveu em Friburgo, em fevereiro de 1533: “monge é sinónimo de cume das virtudes heróicas, aquelas que atraem a benevolência e o favor dos bons;” se não se gosta da palavra, diz, use-se então *isolado*, *solitário*, mas entenda-se que esse isolamento não se deve interpretar do ponto de vista material (nem os Cartuxos vivem isolados), antes como uma “barreira posta diante das más tendências”, ou seja no plano espiritual. Vista por este ângulo, essa solidão implica uma “fraternidade que gera uma solidão feliz”, que, por sua vez, não pode ser afectada pela vida social: “na Corte dos Príncipes, nas funções públicas, no seio das relações humanas é possível ser-se monge” (X, ep. 2771, fev. 1533). Por isso enaltece alguns, poucos é certo, frades, alguns franciscanos, como João Vitrier de Tournai, abade do mosteiro franciscano de Saint-Omer – aí Erasmo terminará a redacção do *Manual do cavaleiro cristão*, a sair em Lovaina –, que conheceu em finais de 1501, o qual nos sermões valorizava mais a espiritualidade do que as práticas e as cerimónias religiosas e que ele, Erasmo, em 1521 colocava logo a seguir a John Colet na escala

de homens que mais apreciava (IV, ep. 1211, jun. 1521) – ou então aquele Thierry de Munique que em 1532 diz ter conhecido cerca de quarenta anos atrás e em quem admira a piedade, a capacidade de pregar e a dureza de vida (X, ep. 2700, ago. 1532).

Nesta linha de pensamento se devem ler as afirmações sobre a condição monástica largamente difundidas, como aquela de que

“o estado monacal não é a piedade; não passa de um género de vida, bom ou mau conforme a constituição do corpo e do espírito de cada um” (I, ep. 164, finais de 1501),

asserção tornada célebre por ser incluída logo em 1503 na primeira edição do *Manual do cavaleiro cristão*, segundo a qual monge não é piedade, mas género de vida, útil ou inútil de acordo com o hábito do corpo e do espírito que interessa a cada um” (Holborn, 1964), e reforçada na dedicatória da edição de 1518 a Paulo Volz: “a perfeição de Cristo está nos afectos, não no género de vida; está nos ânimos, não nos pálios ou nos alimentos” (Holborn, 1964; cf. V, ep. 1459, jun. 1524). Trata-se de um aspecto nuclear da obra, do pensamento e da doutrina erasmiana ao longo da vida; por isso, com toda a pertinência um grande estudioso pôde escrever que “o ideal monástico colocou Erasmo no caminho da verdadeira teologia” (Chantraine, 1971).

No plano espiritual e utópico o *mosteiro* e a *cidade* convergem, em oposição à realidade sociológica e historicamente observável a que os dois termos se

reportam. Trata-se, naturalmente, de uma simplificação esquemática, mas sustentada largamente pelos textos do autor; esquemática, mas substancial. Ao tentar justificar, na já citada, mas pouco amistosa, carta a Servais Rogério, a recusa de regressar ao convento, escrevia o seguinte:

“Como é muito mais conforme ao pensamento de Cristo olhar para o universo cristão inteiro como uma única casa e quase como um único mosteiro onde todos seriam cónegos e frades de uma mesma ordem; e pôr o essencial da religião no sacramento do baptismo, e não dar importância ao lugar onde se vive mas ao facto de se viver bem,”

ou seja cristãmente! Roger pretendia que ele, Erasmo, tivesse uma residência fixa, onde pudesse passar a velhice; porém, o impulso para a itinerância era mais forte e, sublinha ele, perfeitamente cristão: então não se louvavam as viagens de Sólon, de Pitágoras, de Platão; então não tinham os apóstolos, sobretudo S. Paulo, viajado tanto? (I, ep. 296, jul. 1514).

O percurso que pretende seguir e a *figura* que anseia dar de si mesmo implicam esta dimensão universal, quase *apátrida*, que necessita, para ser levada a cabo, da viagem. Deste modo, *letras, amizade, mosteiro, cidade, viagem* são temas ou referências que se articulam entre si, não na forma de um sistema de pensamento organizado, mas convocáveis segundo a oportunidade do discurso. Concretamente é o que se passa com a *cidade*.

Já em cima se convocou o passo de uma carta de 1529, ano importante na sua vida, onde proclamava o *prazer que sinto em viver nas cidades mais populosas*, ou seja

naquelas onde os sinais da vida campesina fossem menos perceptíveis, onde *as coisas boas* estivessem *mais disponíveis em maior abundância* e onde fosse *mais fácil encontrar amigos honestos*. Isto foi escrito em Friburgo, cidade para onde se transfere em abril de 1529, deixando Basileia, a cidade onde vivia desde fins de 1521. Mudou-se porque as tensões religiosas foram restringindo cada vez mais o ambiente à sua volta, apesar dos esforços que amigos e até mesmo adversários desenvolveram para que abandonasse a decisão. Mas como escrevia a António Fugger mal começava a instalar-se, tinha a esperança de que Friburgo fizesse justiça ao seu nome: «cidade da liberdade» (VIII, ep. 2192, jul. 1529). Dez dias depois escreve a Amerbach que esta cidade “me agrada pelos bons costumes: não ouço ninguém dizer mal de alguém” (VIII, ep. 2151).

“De basileiense tornei-me friburgense. Custava-me muito deixar o ninho a que me tinha acostumado durante tantos anos; mas tudo se passou melhor do que esperava, sobretudo no que diz respeito à minha saúde”,

escrevia ao jovem alemão Daniel Estibário, em 14 de maio do ano da mudança (VIII, ep. 2161).

Primeira impressão; mas três semanas depois de aí estar instalado, em carta a Willibald Pirckheimer, evoca a resposta que dera em Basileia a Oecolampádio na altura da partida: *Ficarei alguns meses em Friburgo, e partirei para ir para onde Deus me chamar* (VIII, ep. 2158).

Temos aqui um dos traços mais marcantes da personalidade de Erasmo, que é uma espécie de ansiedade

ou inquietude relativamente ao lugar onde viver. Parece que ponto algum o satisfaz e o deixa sossegado. Basileia foi certamente, depois de Roma na fase anterior da sua vida, a cidade que mais o prendeu; para aí fora ido de Lovaina, com o fito de estar perto da tipografia de João Froben para poder acompanhar os trabalhos de impressão do *seu* Jerónimo, em dez volumes. E bem era preciso, pelo cuidado filológico que o texto implicava, sobretudo porque a revisão e a correcção se faziam não sobre provas, mas durante o processo de impressão, o que encarecia muito a produção do livro (III, ep. 602, jul. 1517). E basta lembrar a carta escrita de Londres em maio de 1515, quando regressava ao continente, na qual evoca, com não disfarçada alegria, a azáfama que então ia na oficina frobeniana com a impressão desses dez volumes (II, ep. 334).

Há nele – é como se nunca se tivesse libertado dela – uma constante insatisfação quanto à ideia de ficar preso a um lugar; como se vai ver de seguida, sobretudo a partir de meados da década de 1510, isso alia-se às questões de saúde; ou dizendo melhor, a *sua* saúde – os sofrimentos físicos de que sofre – passa a prender cada vez mais a sua atenção e a constituir motivo e justificação para as observações que faz sobre as cidades onde habita. Por exemplo, numa carta do último dia de 1520 diz estar a pensar passar o verão em Basileia ou talvez ir de novo a Itália (projecto que acalentou durante muito tempo, tendo mesmo iniciado a viagem, embora a não pudesse continuar) (IV, ep. 1176, dez. 1520); ainda mal se havia instalado em Friburgo no verão de 1529 e já escrevia a

um amigo que decidira passar ali o inverno e no *tempo da andorinha* ir para onde Deus me chamar (VIII, ep. 2222, out. 1529). No ano seguinte, descrevendo de forma realista – procedimento discursivo a que recorre sempre para o tema da sua saúde – a doença que tanto o incomoda (vômitos, insónias, cólicas, um inchaço do lado direito da barriga, “como uma serpente cuja cabeça se tivesse fixado no umbigo, o meio do corpo enrolado em anéis e a cauda em direcção ao púbis, tendo depois virado para a esquerda”), denuncia a mesma inquietação, escrevendo “que desde há bastante tempo que morro por partir daqui e ir para outro lugar;” e, no entanto, estava na cidade apenas há um ano (VIII, ep. 2355, jul. 1530)...

No entanto, esta inquietação e ansiedade bem patentes nas cartas, sobretudo deste período, tinham, com certeza, para ele o sentido e o valor da manifestação da sua independência de espírito e de pensamento, ou antes do receio de perder essa *sua* liberdade que tanto prezava, a qual, se lhe faltasse, *seria como perder a vida* (II, ep. 333, mai. 1515). Não obstante em 1531 ter comprado essa casa em Friburgo, cómoda e espaçosa, que não fora muito cara (IX, ep. 2534, set. 1531) – dois anos depois, diz a Erasmo Schets, seu agente financeiro: “Já investi mais de 800 florins em ouro na casa onde estou, apesar de que penso pôr-me a voar daqui” (X, ep. 2761, fev. 1533) –, em 1534 alega que “muitas coisas me incitam a ir embora, se tal me fosse possível” (XI, ep. 2961, ago. 1534). São anos difíceis, de dura resistência aos incómodos fisiológicos e às pressões de natureza

moral e religiosa; numa carta de um ano antes da morte, a propósito da notícia de que o papa Leão III lhe iria oferecer o chapéu cardinalício, afirma que já não está em idade para tais cargos e acrescenta: “o boi que eu sou não aceitará o jugo” (XI, ep. 3049, ago. 1535), imagem que usa mais do que uma vez (ex. VII, ep. 1804, mar. 1527, a Tomás More).

Até 1514 deslocara-se pela Europa: Paris, Londres, Lovaina, Bruxelas, Veneza, Pádua, Roma, Ferrara são cidades que fazem parte desse percurso. Depois de 1514 serão sobretudo as cidades da Alemanha e dos Países-Baixos, onde permanecerá em períodos de variada duração; em 1527 instala-se definitivamente em Lovaina. Aí fará a sua residência habitual até finais de 1521, quando se passa para Basileia, que deixará em meados de 1529 para procurar refúgio em Friburgo, onde ficará até ao fim, embora tenha falecido em Basileia, em casa de Jerónimo Froben.

Mas com esta experiência toda de cidades – ele mesmo diz que conheceu muitas cidades e universidades –, poderemos perguntar-nos, tendo em conta que era um observador perspicaz, que observações ou anotações deixou sobre elas. Ou de outro modo: dizendo-se, mais de uma vez, especial apreciador da vida em cidades populosas, o que, se excluía o retiro no campo ou no convento, excluía também a vida de corte – *a nossa Corte* [i. é a Corte imperial] *é um tonel furado; tem sempre sede, não dá nada*, escrevia em abril de 1533 (X, ep. 2795) –, que aspectos da *cidade* fundamentam essa sua preferência?

Ora, para além da expressão da preferência pelos meios de tónica mais cosmopolita, aquilo que podemos encontrar nas suas cartas de elogio concreto de uma qualquer cidade nada tem a ver com motivos de natureza urbana. Não é o movimento citadino, nem os aspectos urbanísticos (ruas, praças, edifícios, aquedutos) que merecem ser referidos nos textos. Vive em Basileia oito anos e em Lovaina cerca de dois anos e meio, mas nada informa do ponto de vista urbanístico ou arquitectónico; quanto a Lovaina, limita-se a expressar o seu apreço pelo edifício do Colégio Trilingue, dizendo que “é honesto e de uma arquitectura que não deixa de ter elegância” (V, ep. 1221, jul. 1521). Mas os aspectos físicos desta e das outras cidades não fixam a sua atenção, a não ser quando e na medida em que se sente fisicamente afectado pelo seu ambiente. Por exemplo, apesar do ambiente cultural e universitário que encontrou em Lovaina, não a elogia nos termos encomiásticos do poema que André de Resende escreveu em 1530 sobre ela, louvando-a como a cidade onde a mocidade podia aprender as *boas letras* essenciais na guerra contra a *barbárie*.

Por Itália andara entre 1506 e o verão de 1509, quando volta a Inglaterra atraído por promessas de recompensas sedutoras que não chegaram a concretizar-se; demorara-se em várias cidades, mas da paisagem ou daquilo que viu nada referirá, a não ser em relação a Roma. Numa corajosa, porque fazia a defesa de Reuchlin, carta de maio de 1515 ao cardeal Riário falava do tormento que eram as saudades que tinha da cidade de Roma, lembrando-se “daquela liberdade,

daquela perspectiva, daquela luz, daquelas avenidas, daquelas bibliotecas, daquelas agradáveis conversas entre eruditos”, de quantas pessoas interessadas nos mesmos assuntos que ele “havia abandonado deixando Roma” (II, ep. 333); e nesse mesmo mês, escrevendo também ao cardeal Grimaldi, insistia nesse mesmo *desejo de Roma* cada vez que se lembrava das vantagens de que gozara na cidade, evocando

“a luminosidade e a localização da cidade mais célebre de todas, a doce liberdade, tantas bibliotecas riquíssimas, o convívio, delicioso entre todos, com tantos homens superiormente eruditos, tantas conversas eruditas, tantos testemunhos da antiguidade” (II, ep. 334).

Por essa época alimenta o projecto de regressar à cidade e aí viver o resto dos anos, “rodeado de homens muito eruditos e de bibliotecas extremamente ricas” (IV, ep. 1236 set. 1521).

É por este prisma que Erasmo aprecia as cidades, pelo cosmopolitismo das letras e dos letrados. Em 1505 dizia de Londres:

“Na verdade, há em Londres cinco ou seis homens perfeitamente instruídos nas duas línguas, tais que mesmo em Itália não os há parecidos” (I, ep. 187).

Idêntico juízo quanto a Veneza, lembrado dos amigos que aí conhecera (II, ep. 512, jan. 1517), e a Ferrara, cidade onde lhe fora possível usufruir do conhecimento de homens de letras e de religião como

Celio Calcagnini, que viu pela primeira vez em casa de Ricardo Pole, onde o ouviu encantado, a ponto de confessar que “me pareceu ter perdido completamente a língua” (VI, ep. 1578, mai. 1525). Era nesta base que assentava a sua noção – e prática – da *amizade* como factor essencial da solidariedade entre os homens de cultura que ele, por metonímia, gostava de fazer expoentes da comunidade universal dos cristãos; portanto, e em consequência, do *mosteiro* ideal.

Ora as anotações em cima reportadas sobre Roma são, de facto, excepcionais na correspondência; ressoam, é certo, ao género do *encómio de cidade* (além de que eram movidas por intenções aduladoras), mas é indubitável que transportam consigo uma *sinceridade* sem disfarce. Basta confrontar com o único panegírico que escreveu sobre uma cidade, o poema em trinta e oito versos elegíacos em louvor de Schlettstadt (*The Poems*, 1956); obedecendo a uma estratégia do discurso muito diferente da usada nas cartas familiares, confina-se aos tópicos habituais: realça a fertilidade da terra, os vinhedos nos montes, o Reno abundante, que corre suave aos ouvidos, os homens ilustres da cidade, como Beato Renano, insistindo portanto nos aspectos positivos próprios do género laudatório. Nada de negativo: a verdade é que nunca viveu nessa cidade do Reno...

Não são deste tipo as referências de teor realista que deixou sobre as cidades onde viveu. Trata-se de anotações que nos mostram a acuidade da sua observação crítica. Mas, e isto é um ponto importante,

elas não surgem motivadas por um qualquer interesse de viajante observador que busca transmitir aos leitores aspectos interessantes relativos a locais que eles dificilmente poderiam conhecer, mas antes geradas por um factor poderoso em Erasmo: a *sua* saúde, a *sua* pessoa. Na verdade, que haveria ele de referir de curioso aos seus correspondentes sobre cidades que eles mesmos também conheciam? Mais importante seria informar sobre o seu estado de saúde, sobre as condições materiais da sua vida, sobre as suas opiniões, enfatizando essa *figura* de cristão que suporta estóica e piedosamente os sofrimentos físicos.

É sobre Basileia e Friburgo que as cartas nos fornecem dados mais realistas e mais copiosos sobre a maneira como Erasmo se relacionava com o meio urbano.

Uma carta de 1526, percorrida pela ironia em que Erasmo se mostrava por vezes um mestre, oferece-nos uma cena cidadina única na correspondência. Não se trata, porém, de nada parecido com o *Ibam forte via Sacra, sicut meus est mos, / nescio quid meditans* da abertura do *Sermo* I.IX horaciano: nunca se mostra como frequentador das praças ou das ruas. A cena descrita reporta-se a um acontecimento ocorrido em Basileia em setembro desse ano, quando se deu a explosão do paiol da cidade. Junto havia um jardim que Froben havia comprado a conselho de Erasmo e onde este costumava passar algumas horas depois do almoço, lutando contra a sonolência que o assaltava ou aliviando o enfado dos seus longos trabalhos. Conta ele que, após

ter caminhado um pouco, subiu para um pavilhão rústico que aí havia e pôs-se a traduzir *alguns* “passos do meu Crisóstomo, quando um clarão começou a ver-se pelos vidros das janelas;” quando viu o clarão, julgou tratar-se de uma ilusão visual – é de anotar este espírito analítico e crítico de Erasmo que o levava a desconfiar de milagres e prodígios –, acompanhado de um barulho ensurdecedor. Lembrou-se então de um bombardeamento a que assistira em Florença, na época em que o papa Júlio, “esse Júpiter terrestre troava e fulminava contra Bolonha” [1506]: certo dia, quando se “tinha retirado para aliviar os intestinos”, deu-se um rebentamento enorme que provocou mortes e feridos, como agora, em Basileia. Erasmo evoca a azáfama dos homens a correrem para o local; nesses momentos tornava-se perigoso alguém atravessar-se na sua frente. Podemos facilmente imaginar Erasmo a regressar apressado a casa, tentando passar através de uma multidão espavorida em armas (VI, ep. 1756, set. 1526).

Mas é a propósito de Friburgo que podemos encontrar, nas cartas, anotações de natureza mais realista sobre aspectos da vida urbana. Como se referiu mais em cima, de início manifesta algum agrado pela cidade que o acolhia quando se vê obrigado a sair de Basileia; mas cedo começa a dar sinais de insatisfação e a confessar que estava ansioso de ir para outro lugar. Tinha-se mudado no verão de 1529 e já no outubro seguinte escrevia que, uma vez passado o inverno, pensava ir “no tempo da andorinha para onde Deus me chamar” (VIII, ep.

2222). E um ano depois escrevia que “desde há bastante tempo que morro por partir daqui e ir para outro lugar” (VIII, ep. 2355, jul. 1530). Afinal porquê?

Numa carta ao já referido Erasmo Schets, em março de 1532, quando a saúde não melhora e o obriga a resguardar-se cada vez mais contra os ambientes exteriores, escreve que não pode aceitar as insistências da rainha Maria, viúva de Luís da Hungria, para que regressasse ao Brabante (teria ela força para o defender da fúria dos frades?), porque o seu pobre corpo – aos cinquenta anos começa a ser tópico obsessivo nas cartas, com metáforas do tipo o “meu pobre envelope corporal”, (V, ep. 1267, mar. 1522); “a minha miserável carcaça” (V, ep. 1408, jan. 1424) – não suportaria esse clima frio e ventoso; em Friburgo a custo procura preservar a sua vida escondendo-se no seu quarto (IX, ep. 2620). Mas a cidade vai-se revelando cada vez menos suportável, agora também por razões de higiene. Em janeiro de 1534, escrevendo a Gaspar Schets, filho mais velho de Erasmo e como o pai também seu agente financeiro em Antuérpia, queixa-se da falta de limpeza das mulheres de Friburgo; isto por causa de uma criada que lhe teria arruinado a casa se não tivesse acordado a tempo para os roubos da rapariga (nomeadamente, esvaziava-lhe os barris de vinho...); por isso, resolveu reconciliar-se com a antiga criada de há dez anos, que havia afastado, mas de quem só se livrará em 1535, quando voltar outra vez para Basileia (X, ep. 2897, jan. 1534).

Veja-se o panorama descrito no final da carta, que é um autêntico *único*:

“Reina aqui [em Friburgo] uma enorme porcaria. Ao longo de todas as ruas desta cidade desce um riacho artificial, que recolhe a porcaria vinda dos açougues e do mercado, os lixos de todas as cozinhas, as imundícies e as urinas das casas particulares e até os excrementos dos que não têm latrinas em casa. É com esta água que se lava a roupa branca, com que se limpam os jarros / cântaros do vinho e até os utensílios de cozinha. Mas tudo isso se poderia suportar se houvesse alguma coisa para comer. Durante todo o ano como galinha; aqui não há comidas refinadas ou, se há, ficam para os abastados.”

É este um passo excepcional na correspondência, não só por causa do realismo objectivo (predomina a função informativa, sem elaboração retórica), mas também porque ele evidencia de forma clara que o registo discursivo sobre a realidade urbana não decorre propriamente de uma estratégia de observação praticada em relação ao local, mas antes dos efeitos directos sobre a *sua* pessoa, a *sua* saúde, o *seu* bem estar... A verdade é que a realidade das ruas de Friburgo não lhe era desconhecida, porque era esse o ambiente da higiene em qualquer cidade europeia de então; e Erasmo conheceu várias. A acrimónia que se pressente nestas palavras tem a ver com a impossibilidade de usufruir dos mimos a que julgava ter direito e que o *seu pobre corpo* e a *sua* saúde exigiam. Juntando a isto o relativo isolamento de uma cidade algo afastada das vias de comunicação mais intensas, percebemos porque é que repete esse desejo de deixar a cidade. É o tempo em que evoca por vezes

a Holanda, temendo, porém, regressar a ela: “Há dez dias que uma tortura abominável invadiu a parte direita da cabeça e do pescoço, o ombro e o braço”, parecendo querer instalar-se de vez; “se fossem só quatro dias de viagem para chegar ao Brabante, trataria de me fazer transportar, ainda que fosse de liteira, de tal forma estou cheio desta terra” (X, ep. 2924, abr. 1534).

O lugar onde se sente melhor é cada vez mais a casa; as metáforas do *ninho*, do *voo* e da *andorinha na primavera* ocorrem envolvidas de certa sentimentalidade que denota a fragilidade crescente em que se encontra. Em reforço desta faceta anotadora da realidade comandada pelo critério da sua reacção física aos ambientes, vale a pena evocar as observações que também fez sobre as casas inglesas.

De Inglaterra guardava lembranças agradáveis, mas à sua capacidade de observação crítica não escapavam aspectos menos recomendáveis dos hábitos das pessoas. Sobretudo, aquilo que mais o impressiona, porque o incomoda, é o clima; sempre o mesmo padrão de base para apreciar o lugar onde habita. O clima inglês é apreciado negativamente: “uma insalubridade persistente, principalmente uma humidade mortal”, decorrente da maneira como as casas estavam construídas. Não se tratava, porém, de conclusão nascida exclusivamente da observação experimental das coisas, mas também de um saber letrado, porque se fundamenta em autoridades antigas. Como escrevia ao médico inglês John Francis, a solução seria rever a má orientação das portas e janelas das casas, a falta de

exposição ao ar. Os compartimentos deviam ter dois ou três lados abertos à luz do dia, as janelas deviam abrir-se e fechar-se por completo, evitando-se as frinchas largas por onde passavam os ventos nocivos – era uma ideia corrente na época que o vento era portador de doenças –. Tudo preceitos de Plutarco e de Galeno. É por aí que anota a quantidade de pântanos e ribeiros salgados por efeito das salmouras e que acha que o país seria muito mais salubre se o chão não fosse

“coberto de argila ou de juncos, que não se renovavam durante muitos anos, cobrindo-se de escarros, de vômitos, de urinas de cães e de homens, de cerveja entornada, de restos de peixe e outras muitas porcarias; de tudo isso emanava uma exalação pouco salubre, penso eu, para o corpo humano.”

Mas o mais importante seria fazer com que

“as pessoas fossem mais comedidas na alimentação e sobretudo se moderassem nas salmouras e se oficiais públicos fossem encarregados de limpar as ruas da porcaria e da urina (V, ep. 1532, c. dez 1524).”

Anotar-se-á o recurso ao detalhe descritivo, que ajuda a suportar a sua opinião, numa matéria que o tocava de forma particular como eram as questões de saúde.

No fim da carta pergunta: porquê estes detalhes?

“É que eu tenho simpatia por um país que durante tanto tempo me ofereceu hospitalidade e onde eu terminaria de boa vontade o tempo que me resta de vida, se pudesse.”

Ainda viveria mais doze anos... Simples nota de boa educação diante de este médico inglês? Pode ser; mas anotemos como não saímos do ponto de vista fundamental: Erasmo registra as suas anotações sobre aspectos concretos da vida social, sobretudo cidadina, não na perspectiva de um informador objectivo daquilo que observa, mas a partir da *sua* própria pessoa.

A casa de Erasmo fica na cidade; e Erasmo em casa é também Erasmo na cidade; é aí que trabalha incansavelmente, qual *abelha laboriosa* (Margolin, 1993):

“há mais de vinte anos que tenho o hábito de escrever de pé e de nunca me sentar, por assim dizer, senão para almoçar e jantar, ou para fazer a sesta depois do almoço, coisa que faço de vez em quando, sobretudo quando estou cansado. Mas já me tem acontecido que, por causa dos trabalhos de impressão [ou seja, de revisão dos textos em fase de impressão] e em especial pela enorme quantidade de cartas que tenho de escrever, de correr para o escritório mal acabo de almoçar” (VI, ep. 1759, out. 1526?).

A casa é o seu mundo; trata de proteger o melhor possível esse *ninho* dos incómodos citadinos (os maus cheiros, a porcaria, a vagabundagem) – a metáfora do *ninho* surge nas cartas do período de Friburgo, marcado pelas saudades de Basileia (VIII, ep. 2162, mai. 1529), como por exemplo “agora, em pleno inverno, não é prudente voar para fora do ninho”, (IX, ep. 2397, out. 1530); “tenho de passar o inverno neste ninho” (IX, ep.

2565, nov. 1531) –, como conta a Rinck em carta de setembro de 1531 (IX, ep. 2534):

“Viajo ainda ao estrangeiro na minha própria casa porque, ainda que espaçosa, não tem nenhum canto a que possa confiar o meu pobre corpo com segurança.”

É curioso que nunca coloca a hipótese de se refugiar no campo... Mas se o quarto é cada vez mais o seu mundo, não chega a imaginar uma viagem no seu interior, como Xavier de Maistre com a *Voyage autour de ma chambre* – ele que nem sequer teve a ousadia de *ir até ao quintal* porque, no dito de Almeida Garrett, não teve *este clima, este ar que Deus nos deu* para viajar na *nossa terra* –. Só por um exercício de imaginação podemos *vê-lo* naquela posição que o autor francês do séc. XVIII entendia a melhor para reflectir (cap. XXXIII), ou seja sentado numa cadeira de braços, com as pernas estendidas por cima do fogão. Ora Erasmo, que abominava os fogões colectivos, acesos durante a maior parte do ano na generalidade das casas e estalagens na Alemanha, mandara fazer um, grande, para si, em *sua casa*.

Tudo isto, porém, nada tem a ver com a *sensibilidade* diante da paisagem que se *vê*; a *estética* é coisa do séc. XVIII. Seria, por exemplo, impossível procurar alguma anotação sobre a Holanda – para ele é uma terra com um clima horrível – que fizesse lembrar a delicada luminosidade holandesa que Marcel Proust evocou na zona final da II parte de “A l’ombre des jeunes filles en

fleurs”, acerca dessas “femmes d’une extrême élégance” envoltas “dans une lumière humide, hollandaise” que vagueavam pela praia, a lembrar algumas das fotografias de Henri Lartigue no início do séc. XX... É óbvio que Erasmo tinha de ser completamente alheio a coisas como estas. A sua sensibilidade era mais afinada para o que dizia respeito à musicalidade, à eufonia e ritmo da frase, como se vê na maneira como aprecia a *elegância* retórica e abomina tudo o que fosse ruído ou desarmonia (Margolin, 1969). Isso revela-se, por exemplo, nas considerações que tece sobre a complexidade da versificação nas tragédias de Eurípides a propósito da sua tradução da *Hécuba* e da *Ifigénia*, um poeta, diz, com uma linguagem *mais doce que o mel* (I, ep. 188, jan. 1506?), apontando as dificuldades em verter para latim a *excessiva variedade e liberdade dos metros* dos coros (I, ep. 208, nov. 1507?) (Lourenço, 2008).

As letras, as *boas letras*, eram, certamente, libertadoras do homem, portanto do cristão; mas exigiam a cidade e, na cidade, a casa onde viver.

BIBLIOGRAFIA

Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami, ed. P. S. Allen e H. W. Garrod (1906-1947), 11 vols., Oxford, (1967-1982) = *La Correspondance d'Érasme*, dir. Aloïs Gerlo e Paul Foiriers, 11 vols., Bruxelles.

DESIDERIUS ERASMUS ROTERODAMUS (1964), *Ausgewählte Werke* in Gemeinschaft mit Annemarie Holborn Herausgegeben von Hajo Holborn, Munique.

The Poems of Desiderius Erasmus, ed. C. Reedijk (1956), Leiden.

BIERLAIRE, Franz (1968), *La familia d'Érasme. Contribution à l'histoire de l'humanisme*, Paris.

LOURENÇO, Frederico (2008), *Novos ensaios helénicos e alemães*, Lisboa.

CHANTRAINES, Georges (1971), «*Mystère*» et «*Philosophie du Christ*» selon Érasme, Namur-Gembloux.

MARGOLIN, Jean-Claude (1973), *Guerre et paix dans la pensée d'Érasme*, Introduction, choix de textes, commentaires et notes, Paris.

———, Jean-Claude (1993), *Érasme: une abeille laborieuse, un témoin engagé*, Caen.

HALKIN, Léon-E. (1969), *Erasmus*, México.

MUMFORD, Lewis (1961), *The City in History. Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*, Nova Iorque.

BOYLE, Marjorie O'Rourke (1977), *Erasmus on Language and Method in Theology*, Toronto e Buffalo.